

Educomunicar para Não Apagar: A Extensão Universitária como Caminho para a Memória e Justiça Arquivística LGBTI+¹

Máira de Souza Nunes²
Ana Carolina Paulino da Silva de Oliveira³
Ana Luiza Ramos Moretti Ferreira⁴
Daniela Beatriz Mila⁵
Evelin Vitória de Freitas Silva⁶
Giovana Gama da Cruz⁷
Kenson Koskur Coelho⁸
Natali dos Santos Slusarz Schovarts⁹

Universidade Federal do Paraná - UFPR

RESUMO

Desde 2019, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) tem trabalhado com a comunidade queer. Por meio de relatos de experiências, o texto presente propõe reflexões acerca da conduta extensionista diante do público LGBTI+ e trata de como duas vivências extensionistas (os projetos CineTrans e Reatar) aproximam comunicadores em formação da comunidade LGBTI+ e suas demandas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Popular; LGBTI+; Memória; Extensão Universitária; Grupo Dignidade.

INTRODUÇÃO

Fundamentado na perspectiva dialógica de Paulo Freire (2019), o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) constitui-se como um programa de extensão vinculado ao Departamento de Comunicação Social (Decom) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Abarcando os cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, o programa tem concentrado sua atividade prática na integração entre a comunicação popular, a educomunicação e a democratização no acesso à comunicação. Com mais de 20 anos de atuação, seus trabalhos — distribuídos em mais de uma dezena

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2026.

² Professora dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR, e-mail: maira.nunes@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: oliveiracarolina@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Relações Públicas da UFPR, e-mail: analui3a@ufpr.br

⁵ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Relações Públicas da UFPR, e-mail: daniela.mila@ufpr.br

⁶ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: evelinvitoria@ufpr.br

⁷ Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: giovana.cruz@ufpr.br

⁸ Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: kenson.koskur@ufpr.br

⁹ Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: natali.schovarts@ufpr.br

de projetos — são realizados sob uma metodologia extensionista colaborativa. Entre os quais, destaca-se neste texto sua atuação voltada à população LGBTQIAPN+ pelos projetos CineTrans e Reatar, ambos potencializados pela parceria com o Grupo Dignidade. Criado em 1992 em Curitiba (PR), o grupo é uma organização não governamental que atua ativamente na defesa, promoção da cidadania e saúde da população LGBTI+, tornando-se um parceiro central na promoção arquivística abordada neste trabalho.

Existente desde 2022, o CineTrans configura-se como um espaço pedagógico e político centrado na dinâmica de cineclube. A iniciativa baseia-se na exibição de obras audiovisuais que apresentam protagonismo ou temáticas ligadas à comunidade trans, visando mediação social e visibilidade desse grupo no cenário local. Com sessões que ocorrem de forma periódica, sua estrutura é pensada para promover debates sobre representação, diversidade e aspectos comunicacionais inerentes às obras selecionadas.

Em paralelo, desde 2018, o NCEP atua em conjunto com o Grupo Reatar, originado do antigo "Grupo de Adesão" do Hospital de Clínicas da UFPR (Salmória, 2022), no acolhimento de pessoas que convivem com o HIV. Como desdobramento dessa atuação, o Projeto Reatar firmou parceria com o Grupo Dignidade para gravar depoimentos audiovisuais desses profissionais pioneiros. O material coletado é destinado ao Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+).

Ao longo de sua história, diversas parcerias foram estabelecidas com a organização. Dentre elas, destaca-se a Aliança Nacional LGBTI+, o CEPAC – Centro Paranaense de Cidadania, a ABRAFH – Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas, a GayLatino e o IBDSEX – Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual, parceiro que mantém o CEDOC – Centro de Documentação Professor Luiz Mott. O intuito da parceria do NCEP com o CEDOC é promover o que se entende por "justiça arquivística": o combate ativo ao apagamento histórico dessas trajetórias de resistência no âmbito da saúde pública.

RELATO DE EXPERIÊNCIAS

A parceria do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) com a comunidade queer começou em 2019. Os extensionistas identificaram a necessidade de expandir suas ações para contemplar a população trans, até então não integrada aos

projetos do programa. A articulação inicial ocorreu por meio do Transgrupo Marcela Prado, vinculado ao Grupo Dignidade, com o intuito de desenvolver atividades educacionais conjuntas. A proposta visava utilizar as ferramentas da comunicação como instrumentos de resistência e incidência política (Jaime, 2024).

Devido a instabilidades e reestruturações dentro do Transgrupo, o Núcleo e toda a rede já construída buscaram outras alternativas para a continuidade dos trabalhos em conjunto com tal população (Schovarts et al, 2025). Desse processo, derivou em 2022 a criação do CineTrans, projeto que, ao longo de sua trajetória, foi gerido por diferentes gestões de estudantes. Como "constelações" (Barbosa, 2020), cada grupo imprimiu suas metodologias distintas ao projeto, resultando em seu formato atual.

Impulsionado pela busca no consumo do audiovisual, as sessões do projeto iniciam-se pela comunicação dialógica, na qual as obras são selecionadas a partir de sugestões do público e de recortes temáticos. Essa organização coletiva do espaço reforça a natureza do cineclube como uma "instituição do público" (Macedo; Alves, 2010), transformando a audiência de mera consumidora audiovisual em sujeito ativo da própria experiência cultural e política.

A operacionalização das sessões envolve a seleção de debatedores qualificados via DigTrans e a promoção de um ambiente de acolhimento gratuito. O ponto central do projeto é a roda de conversa, mediada horizontalmente por uma pessoa trans convidada, que vincula a narrativa audiovisual às vivências da comunidade, consolidando o cineclube como um instrumento de mediação social, preservação da memória e fortalecimento da autonomia dos participantes.

Em 2025, o CineTrans consolidou sua atuação por meio de quatro sessões vinculadas a marcos de militância. Em 29 de janeiro, pelo Dia da Visibilidade Trans, exibiu-se *Meu amigo Cláudia* (2009), com mediação de Catuxa Boujhers. Em 26 de abril, a obra *Indianara* (2019) foi debatida com Evelyn Miranda. A terceira sessão, em 27 de agosto, integrou a 1ª Semana UFPR Fora do Armário e o Mês da Visibilidade Lésbica, apresentando *Fabiana* (2018) com a convidada Fernanda Luna. Por fim, em 19 de novembro, em observância ao Dia da Consciência Negra, o ciclo encerrou-se com o curta *Meu nome é Tiana* (2018) e debate mediado por Gean Taira.

A estrutura compreende a exibição gratuita do filme, garantindo a democratização do acesso a conteúdos que muitas vezes não alcançam o circuito comercial. Durante a

projeção, o ambiente é organizado para promover a proximidade entre os participantes, utilizando elementos de hospitalidade como o oferecimento de pipoca e bebidas, o que contribui para a construção de um espaço de afeto e segurança.

Paralelamente à formação do CineTrans, o Núcleo dava continuidade a um projeto de comunicação e saúde que tem o intuito de expandir a visibilidade e acolhimento tanto às pessoas que convivem com o HIV quanto aos profissionais de saúde. A ação justifica-se pela necessidade urgente de combater o estigma, o silenciamento e o abandono do tratamento, atuando diretamente no espaço que nasceu como o antigo "Grupo de adesão" do Hospital de Clínicas da UFPR, que hoje possui o nome de Reatar — Rede de Adesão ao Tratamento Antirretroviral — idealizado no início dos anos 2000 pela enfermeira Maria Alba de Oliveira Silva e pelo assistente social Silas Moreira.

Durante os encontros no hospital, foi percebido que os extensionistas não estavam ali apenas para extrair dados, mas para construir vínculos reais e afetivos. Como resultado desse mergulho, produtos de comunicação integrada e sinérgica (Kunsch, 2003), a exemplo do livro *Vidas no Positivo* (Salmória, 2022), editado de forma colaborativa com a editora Floresta Edições, foram desenvolvidos.

Conforme o projeto amadureceu, os extensionistas notaram que a atuação do Núcleo na população soropositiva estava restrita à realidade do Reatar. Isso motivou a aproximação do programa com o Grupo Dignidade, mais especificamente com o CEDOC (Centro de Documentação Professor Dr. Luiz Mott). O CEDOC não se configura apenas como um arquivo, mas um dos maiores e mais relevantes acervos sobre a temática LGBTI+ de todo o Brasil. Ele foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 2007 pelo Grupo Dignidade e hoje tem guardado material em diversos suportes, como livros, jornais, revistas, produções acadêmicas (artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações), CDs, DVDs, fotografias, folhetos, cartazes e grande quantidade de documentos dos grupos, dos projetos e do movimento LGBTI+.

Após conversas com o Grupo, observou-se que no CEDOC há uma lacuna de informações sobre os profissionais que trabalharam durante a crise de HIV nos anos 80 no Paraná. O Ncep, então, desde 2024 passou a atuar na captura de depoimentos desses profissionais para englobar o acervo, em busca de garantir o que chamamos de "justiça arquivística", combatendo ativamente o apagamento histórico dessas trajetórias e o silenciamento (Butler, 2016)

Foram entrevistados para o projeto a enfermeira Maria Alba de Oliveira Silva (em 2024) e o infectologista Moacir Pires Ramos (em 2025). O levantamento desses profissionais foi feito a partir da reportagem do coordenador do projeto, José Carlos Fernandes: “Eles viram a cara da AIDS”, para a Gazeta do Povo. A entrevista piloto que gravamos com a enfermeira Maria Alba revelou um cenário árduo, por ser enfermeira, entendia que precisava enfrentar aquele cenário árduo, movida pelo juramento profissional e, muitas vezes, atuavam no escuro. Aprofundando essa coleta de memórias, o depoimento de 2025, realizado com o Dr. Moacir Pires, demonstrou que os profissionais da linha de frente enfrentaram uma grande dificuldade devido à escassez de informações disponíveis sobre a aids no Brasil. O infectologista relatou os desafios de lidar com pressões vindas da comunidade que queria entender mais da doença e da própria família dele, pois por trabalharem perto de pessoas que carregavam o vírus do HIV, devido à discriminação muito aberta naquela época.

Finalizadas, as entrevistas com os profissionais estão sendo integradas ao acervo do CEDOC. Dessa forma, a atividade extensionista do Ncep contribui para o preenchimento dessa lacuna na história da população LGBTI+ tanto em Curitiba quanto no Brasil. Avaliamos que o maior valor agregado à nossa formação foi entender na prática o papel cidadão da comunicação e a participação cultural (Canclini 2005). Apesar dos desafios de organizar uma produção tão plural e lidar com memórias sensíveis, superamos essas barreiras através do fortalecimento da confiança mútua. A experiência com o Reatar e com o CineTrans nos prova que a comunicação vai muito além de produzir conteúdo midiático. Trata-se de usar como uma ferramenta potente para reconstruir identidades de comunidades invisibilizadas, preencher lacunas históricas e promover a dignidade social, seja por meio da reparação histórica ou pela participação ativa no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a comunidade Queer a partir de uma visão Educomunicativa proporciona muito aprendizado e conhecimento, mas, principalmente, oferece à comunidade um retorno de trabalho, pesquisa e memória. As parcerias firmadas com o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) originaram dois projetos que visam o reconhecimento, a memória e a luta pelo direito à existência e ao respeito.

O Trabalho com o Dignidade representa, na visão extensionista, um esforço para construir uma memória coletiva que integre o arquivo da memória LGBTI+, suprimindo um déficit. É também um retorno da pesquisa à sociedade e reconhecimento de todos os profissionais que trabalharam na epidemia do HIV/AIDS e ajudaram a salvar vidas. O trabalho com o CineClube Trans propõe, através da Comunicação Popular, aumentar a visibilidade de uma causa no presente, buscando o reconhecimento e o auto reconhecimento dessa comunidade.

Os projetos aqui apresentados articulam extensão, ensino e pesquisa ao aplicar conhecimentos teóricos na prática da sociedade e favorecem o aprimoramento de estudos relacionados ao público LGBTI+ no âmbito universitário, assim como, pode incentivar os estudantes a pesquisarem sobre esse assunto e buscar ações práticas

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. **Comunicação e método: cenários e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GRUPO DIGNIDADE. **Uma história de dignidade**. [S.l.: s.n.], 2008.

JAIME, V. M. **Transexualidade na mídia: reflexões sobre a cobertura jornalística das pessoas transexuais em portais de notícias**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2024.

KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

SALMÓRIA, A. C. (org.). **Vidas no positivo: histórias de homens e mulheres que convivem com HIV e encontraram no Grupo Reatar do Hospital de Clínicas da UFPR, a roda de conversa que os ajuda a viver**. Floresta Edições e Ncep, 2022.

SCHOVARTS, N. et al. **Pipoca e reflexões críticas: a intergeracionalidade no CineTrans do Ncep UFPR**. Anais do 48º Congresso de Ciências da Comunicação, Vitória. Intercom, 2025.